

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N.12

ANO 12
NOVEMBRO.2023
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Soares Estanislau
de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Izaura Maria Wanderley Brito

**COORDENADORA DA COMISSÃO
DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho Olímpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO
DE COMUNICAÇÃO**

Esperidião Barbosa Neto

**COORDENADORA DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA
E EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo
Heliane de Almeida Lins Leitão
Nidyanne Porfirio da S. Pires

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão
estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

Instagram: [gpalmaceio](https://www.instagram.com/gpalmaceio)

OS PARADOXOS DO AMOR: UM OLHAR DA PSICANÁLISE

EDNA MELO

Psicóloga e Psicanalista, membro do GPAL.

RUTH VASCONCELOS

Socióloga e Psicanalista, membro da Intersecção Psicanalítica do Brasil (IPB) e do GPAL.

RESUMO

O texto discute os paradoxos do amor a partir da teoria lacaniana. Problematisa as novas configurações do amor na atualidade, reconhecendo a grande incidência de pessoas que optam por viver em solidão. Estaríamos assistindo ao declínio do amor ou o amor está realmente na ordem do impossível?

Mais do que respostas, o texto convida à reflexão sobre a radicalidade da lógica fálica na vida e nas escolhas dos sujeitos.

Palavras-chave: amor; lógica fálica; teoria lacaniana.

¹ _____
Texto apresentado na 13ª Jornada do GPAL, em novembro de 2022.

ABSTRACT

The text discusses the paradoxes of love based on Lacan's theory. It problematizes the new configurations of love today, recognizing the high incidence of people who choose to live in solitude. Are we witnessing the decline of love or is love truly impossible? More than answers it, the text invites reflection on the radicality of phallic logic in the lives and choices of people.

Keywords: love; phallic logic; Lacanian theory.

Minha voz, minha vida

Meu segredo e minha revelação

Minha luz escondida

Minha bússola e minha desorientação

Caetano Veloso

Mobilizadas por inquietações produzidas com a leitura do Seminário 20, de Lacan *Mais, Ainda*, decidimos nos unir para trazer reflexões sobre o aforismo lacaniano “não existe relação sexual” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 19), que produz efeitos desconcertantes numa sociedade que aposta na completude dos encontros amorosos e na felicidade do amor eterno. Essa afirmação “não existe relação sexual” guarda alguma relação com o amor?

É como *falasser* que o sujeito se entrelaça nas tramas do amor, produzindo sentidos e significados singulares para suas vivências no campo dos afetos. O amor, que tanto é dito por silêncios como por palavras, fica sujeito a todos os equívocos, tropeços e deslizes da linguagem e da (in)comunicação. Quando Miller afirma que ao amar, “ama-se ou a pessoa que protege (a mãe) ou a uma imagem narcísica de si mesmo (Ver Entrevista com Miller, p. 13), deixa claro que a cena do amor envolve o “antes” de cada sujeito. Assim, sua posição diante do amor, está diretamente relacionada a como este sujeito foi recepcionado na vida (com acolhimento amoroso e/ou rejeição/abandono) e como se inscreveu no campo da linguagem. As relações amorosas expõem a lógica das identificações, em que sujeitos de falta são movidos pelo desejo de responder ao Desejo do Outro, pondo-se diante da questão fundamental: “Que queres de mim?”

Nesses termos, estão postas as bases enigmáticas do amor que segue uma ética, a ética do desejo, arredia a regras e determinações sociais. Os percursos e enredos amorosos asse-

melham-se mais ao incerto dos labirintos do que à previsibilidade de avenidas largas, retas e pavimentadas. Ao fim e ao cabo, a experiência do amor impõe ao sujeito haver-se consigo mesmo e com sua verdade, que será sempre uma meia-verdade. Além disso, na experiência do amor, o sujeito expõe sua incompletude, dependência e falta, deixando-se vulnerável às demandas e exigências de um outro que se faz semblante do objeto *a*. Qual é o sentido, afinal, da definição de Lacan: “O amor é dar o que não se tem...” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 42).

Tentaremos nos aproximar desses temas seguindo as pegadas de Lacan ao elaborar as fórmulas da sexuação a partir das quais chegou ao desconfortante aforismo já referido acima: “não existe relação sexual”. Até que ponto essa afirmação inscreve o amor no campo das impossibilidades?

ONDE SE FUNDA O MAL ENTENDIDO DAS RELAÇÕES AMOROSAS E SEXUAIS?

Lacan situa a diferença sexual ou a sexuação a partir da dialética da parte e do todo que possui uma

particularidade: “o todo nunca é todo (o Outro não existe) e a parte é indefinível, não localizável, especificável e não tem relação com o todo” (Fink, 1998, p. 124).

Nesses termos, pensar a sexuação significa colocar os sujeitos, homens e mulheres, diante da castração como uma “renúncia a algum gozo”. Segundo Fink (1998), “o sacrifício envolvido na castração é ceder um determinado gozo ao Outro e deixá-lo circular no Outro, isto é, deixá-lo circular de alguma forma ‘fora’ de nós” (Fink, 1998, p. 126). São renúncias e interdições que lançam o sujeito à condição de seres falantes, condição imprescindível para a construção da civilização e da cultura². Nesse sentido, essa interdição/castração pode ser vista como um gesto de amor que funda o laço social. Lacan afirma no Seminário 10: “(...) o amor

2 _____
Levi-Strauss equi-
para essa renúncia
pulsional imprescindível à Civilização ao tabu do incesto, como regra fundamental de parentesco e matrimônio.

é um fato cultural. Não se trata apenas de quantas pessoas nunca teriam amado se não tivessem ouvido falar do amor, (...) mas de que nem se cogitaria de amor se não houvesse cultura” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 198).

Para Lacan, a castração diz respeito à renúncia ao gozo (falo) e não ao pênis³, por isso, homens e mulheres, em sua diferenciação social e sexual, são considerados sujeitos castrados. O gozo que é “expelido do corpo” (Fink, 1998, p. 125). será deslocado para a fala. Essa limitação em forma de lei afasta os humanos do terreno do princípio do prazer e os insere no campo do princípio de realidade. Portanto, para Lacan, a falta, a perda e o limite expressam a lógica da castração que não tem relação direta com o pênis, mas, confronta o sujeito com a lógica fálica, sendo o falo um significante da falta e do desejo.

A primeira e principal castração vivenciada pelo infans acontece quando este percebe que os pais têm interesses outros (objetos e atividades) que apontam para além de sua existência. Neste momento em que se depara com a falta, entra na lógica fálica, assumindo a condição

de ser de desejo - “o desejo do homem é o desejo do Outro”. O falo exerce “o papel de significante do desejo” e da falta a ser - “carência no ser ou carência a ser” (Fink, 1998, pp. 128-129). Assim, a função fálica introduz o sujeito no campo do simbólico⁴, isto é, no campo da linguagem. Como afirma Fink “(...) uma falta ou perda de algo é necessária para colocar o simbólico em movimento” (Fink, 1998, p. 130). O que tudo isso tem a ver com as escolhas de amor e a forma de gozo de homens e mulheres?

Sabe-se que cada sujeito vive a experiência do amor de forma absolutamente diferente e, talvez, desigual; porque ao amar confronta-se com a castração que acontece para cada um de um jeito singular⁵. Ou seja, a forma de castração e a entrada no campo simbólico são diferentes para o sexo mas-

3 _____
No Seminário 18, Lacan afirma: “O falo, ao enfatizar o órgão, de modo algum designa o órgão chamado pênis, com sua fisiologia, nem tampouco a função que podemos atribuir-lhe, palavra de honra, com alguma verossimilhança, como sendo a da cópula (...) ele visa, de maneira mais inequívoca, a sua relação com o gozo” (Lacan, 1971-1972/2009, p. 62).

4 _____
O significante do desejo (falo), no entanto, não é o mesmo que o significante causa do desejo (objeto a), como desejo do Outro que serve de causa do desejo do sujeito. O objeto a, na verdade, não significa nada a não ser “o desejo do Outro”, “capacidade de desejar” ou “a causa real e indizível do desejo”. O falo, por sua vez, é o significante do desejo (Fink, 1998).

5 _____
O menino, vive a castração com o fantasma e o medo de perder o pênis; a menina, por sua vez, experencia a castração sob o signo da inveja de ter o pênis. O menino, teria o falo e teme perdê-lo; a menina, não tem o falo, mas deseja obtê-lo.

culino e o feminino. É o significante ou a lógica fálica que mobiliza e/ou imobiliza os sujeitos em suas relações amorosas⁶. Partindo dessa constatação, Lacan dirá que “não há nenhuma relação direta entre homens e mulheres, uma vez que são homens e mulheres” que “não interagem uns com os outros como homem para mulher e mulher para homem” (Fink, 1998, p. 131). Há um terceiro elemento que é o falo e que se interpõe entre os dois. Nesse sentido, afirma que um homem não se define a partir da mulher, nem vice-versa; eles não formam par no sentido de que não há correspondência entre o que um homem busca numa mulher e o que uma mulher busca em um homem. Teixeira (2010) esclarece como o desencontro é produzido pela lógica fálica: “(...) o homem porta no seu corpo o órgão que possui o valor de falo desejado pela mulher, enquanto o corpo desta é o falo que ele deseja, há uma circularidade que parece excluir a noção de resto” (Teixeira, 2010, p. 188).

A igualdade na relação amorosa entre um homem e uma mulher é, portanto, algo impossível de ser vivenciado; entre eles não acontece uma relação, mas um jogo de espec-

tativas imaginárias movido pela lógica fálica que os põem em posições discordantes, para não dizer apenas diferentes. Como afirma Fink (1998):

“Não existe nada complementar a respeito dessa relação [homens e mulheres], nem existe uma relação inversa simples ou algo do tipo de paralelismo entre eles. Ao contrário, *cada sexo é definido separadamente com relação a um terceiro termo*. Conseqüentemente, só existe uma não-relação, uma ausência de qualquer relação direta imaginável entre os sexos.” (Fink, 1998, p. 132).

Para Lacan, não existe uma relação necessária entre sexo (biológico), gênero (feminino e masculino) e escolha de parcerias sexuais (que envolve o Gozo/Desejo). A definição da diferença sexual pelo viés biológico é ina-

6 _____
É uma leitura equivocada igualar o falo ao pênis. Na verdade, o falo é o que coloca homens e mulheres na lógica fálica como o significante da falta. Nesse sentido, é injusto acusar Lacan de falocentrismo (Fink, 1998, p. 124).

dequada (Fink, 1998, p. 132), pois, a posição masculina e feminina está relacionada à inscrição dos sujeitos no campo da linguagem e da lógica fálica⁷, como discutimos anteriormente. Nessa lógica, o homem é totalmente determinado pela função fálica, portanto, está assujeitado à castração simbólica (todo fálico); enquanto a mulher não se define como totalmente circunscrita pela função fálica; portanto, não está toda assujeitada à ordem simbólica (não-toda fálica).

Disso resulta que, há uma lógica do masculino e uma lógica do feminino que suscitam duas modalidades distintas de gozo: os homens são limitados ao gozo fálico (gozo do órgão); enquanto as mulheres têm uma potencialidade estrutural de experimentar tanto o gozo fálico como um outro tipo de gozo denominado gozo do Outro ou gozo Outro. Enquanto o “não” do pai (S1, significante unário) funciona para os homens como um limite, para as mulheres, permite-lhes ultrapassar fronteiras estabelecidas pela linguagem. Segundo Fink (1998), “Um ponto final para os homens, o S1, serve como uma porta aberta para as mulheres” (Fink, 1998, p. 135).

Na medida em que para Lacan, a posição masculina e feminina não está colada à dimensão biológica, é possível que sujeitos biologicamente definidos como mulher funcionem a partir de uma lógica fálica circunscrita à estrutura masculina; assim como que sujeitos biologicamente definidos como homens, orientem-se por uma lógica fálica comum à estrutura feminina. Sendo assim, Fink (1998) sugere: “A relação de cada pessoa com o significante e o modo de gozar precisa ser examinada com muito cuidado: não se pode tirar conclusões precipitadas com base no sexo biológico” (Fink, 1998, p. 136). A partir dessas questões, Lacan sugeriu o aforismo de que “não há relação entre os sexos”, mas sim o ato sexual que envolve sujeitos com posições sexuais diferentes (masculino e feminino)⁸.

A partir das fórmulas da sexuação, os seres falantes

7 _____
É o significante que diferencia os sujeitos no campo sexual, e não a anatomia; justamente porque é como significantes que os sujeitos se tornam sexuados (Teixeira, 2014, p. 132).

8 _____
Marcus do Rio Teixeira afirma: “Para Lacan, o falo enquanto significante separa os sexos enquanto o gozo fálico os aproxima” (Teixeira, 2010, p. 190).

posicionam-se no lado masculino (todo fálico)⁹ ou feminino (não-toda fálico)¹⁰, independentemente das determinações biológicas de serem homens ou mulheres. A complementariedade entre os sexos, definidos pela diferença anatômica, é, para Lacan, uma complementariedade imaginária. Há que se considerar a dimensão simbólica da castração e o caráter significante do falo para que possamos nos aproximar do que é para cada sujeito, a experiência do Gozo e do amor.

Talvez essas reflexões possam apontar a fonte dos mal entendidos circunscritos ao universo do amor que tem implicações nos (des)encontros sexuais. É importante ressaltar que o aforismo “não existe relação sexual” não se refere ao ato sexual em si, mas aos sujeitos sexuais movidos pelas particularidades do seu gozo e de suas satisfações (Gozo fálico, Gozo do Outro, Gozo Outro) que os colocam num campo avesso à complementariedade. Em tom de brincadeira, mas dizendo a verdade contida na teoria lacaniana, alguém afirmou: “Não existe relação sexual – e é por isso que as pessoas trepam” (Teixeira, 2014, p. 139). Talvez aí possamos articular as duas

afirmações de Lacan: “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” e “o amor é a sublimação do desejo” (Lacan 1962-1963/2005, p. 197). Ambas trabalham com o enigmático do desejo no humano ao tempo em que repõem a questão de que o sujeito é movido pelo objeto *a*, causa do desejo. Como afirma Kuss (2015), “o amor é um modo de conduzir o gozo ao desejo”, mesmo admitindo que há algo de precioso nesse gozo perdido, que o sujeito sempre estará desejando reaver (Kuss, 2015, p. 68). O amor é posto como um ato de apresentar-se ao outro como falta do objeto *a*, sendo por essa via que o sujeito entra na lógica fálica e contacta com o gozo do ser (Silva, 2014, p. 242). Vale ressaltar que ao afirmar que é “o amor-sublimação que permite ao gozo condescender ao desejo”, Lacan, mais uma vez, cir-

9 _____
Embora todo homem seja totalmente castrado, sustentam um ideal de não castração, de não conhecer limites.

10 _____
Alguma parte de cada mulher escapa ao domínio do falo. Essa é uma possibilidade e não uma necessidade.

cunscreve a temática do amor ao campo da cultura.

O AMOR FAZ SUPLÊNCIA À AUSÊNCIA DA RELAÇÃO SEXUAL?

O tema do amor tem lugar especial na teoria e na clínica psicanalítica. Já se sabe que o amor transferencial é indispensável ao processo de análise, assim como, que o amor e suas expectativas são temas constantes nos consultórios de psicanálise. O (des)amor tece tramas e faz e desfaz laços entre sujeitos, desde a sua constituição até o final de sua saga existencial. Há várias acepções de amor abordados pela teoria psicanalítica, tais como: o amor parental ou filial, o amor próprio, o amor das parcerias sexuais, o amor do supereu, o amor aos ideais, o amor místico, o amor de transferência, entre outros mais (Almeida, 2014, p. 225). Assim, a teoria e a clínica lidam com os efeitos subjetivos do (des)amor, como também trabalham com o desmonte do amor idealizado, que escraviza e adocece os sujeitos em suas variações de gênero, sexo, idade, classe social, etc. Muitas vezes, uma análise tem como ponto fulcral para um sujeito a possibilidade de elaboração da passagem de um amor ideal para um amor possível.

É como faltoso e dividido que o sujeito se lança ao amor. Como amantes, oferecem-se um ao outro, em sua falta e em seu desejo

de amar. Há, portanto, um entrelaçamento entre a posição de ser objeto amado e exercer a função de amante. O que significa reconhecer que ao amar, o sujeito oferece sua falta ao outro, que também é faltoso? O amor seria, portanto, uma troca das faltas, em que acontece um “dar o que não se tem... a alguém que não quer”? Seria o caso de pensarmos no amor como um simulacro em que as partes não querem saber que no jogo amoroso eles se enganam e estão enganando um ao outro? Nesses termos, a reciprocidade do amor estaria realmente no campo do impossível?

Bem, se os sujeitos que ocupam a cena amorosa são faltosos, porque castrados na origem, não há possibilidade de correspondência entre os seus desejos. Nesse sentido, ninguém escapa ao efeito ilusório do amor, que não cumpre suas promessas e para quem o sexo não basta para fazer par. Seria justo afirmar que todo amor carrega a marca de um traço narcísico que se configura no fato de o sujeito só querer o seu próprio bem, sob a capa do bem do outro?

Assinalamos anteriormente que as diferentes formas de gozo

resultam em diferentes formas de amar. Assim, o amor fetichista estaria no lado do homem; e a erotomania, do lado da mulher. Na condição de *falasser*, o homem apega-se às suas fantasias, de modo que seu gozo exige uma correspondência a um pequeno detalhe inscrito no corpo da mulher, sendo possível viver um gozo sem palavras. Fetichizando o corpo da mulher, “o homem se eclipsa na sua fantasia” (Miller, 1998, p. 118). Do lado da mulher, na condição de *falasser*, o seu gozo é mais além do fálico, chamado gozo suplementar ou gozo Outro. Para experimentar esse gozo, a mulher exige que o homem fale, que diga em palavras do seu amor. Esse gozo suplementar e ilimitado faz a exigência de que o amor comporte em si um “caráter absoluto e uma visada ao infinito” (Miller, 1998, p. 111). Se o amor é “dar o que não se tem”, não existe outra forma de dá-lo, a não ser falando desse amor. Portanto, “Ao falar, damos nossa falta-a-ser”¹¹. Do lado feminino, Lacan estabelece uma relação entre falar, amar e gozar; porque para a mulher, o amor exige palavras, de preferência, palavras de amor. Mas, aqui valem palavras, mesmo as que as insultam! E, como na mulher,

a demanda de amor é infinita, uma falha nesse amor feito também de palavras pode ser vivenciada como uma devastação (Miller, 1998, p.114).

Segundo Pamponete (2022), Miller chama atenção para o fato de que existe uma relação de “solidariedade entre o amor e o gozo”; vindo desta solidariedade o aforismo “só o amor consente ao gozo condescender ao desejo”. Portanto, entre amor e gozo não existe uma relação de oposição nem exclusão, mas sim, um ponto de aproximação em que ambos se expressam como uma demanda e uma contingência (Ver Pamponete, 2022).

Consideramos que o amor faz suplência à ausência de relação sexual pela via da sublimação, que possibilita elevar o objeto amado “à dignidade da coisa” (Lacan, 1959/1991, p. 141). A sublimação, que guarda uma profunda rela-

11

Transcrevemos as palavras de Miller, ao referir-se ao axioma do falasser feminino: “Em primeiro lugar, para amar é preciso falar; o amor é inconcebível sem a palavra, justamente porque amar é dar o que não se tem, e não se pode dar o que não se tem senão falando, porque, falando, damos nossa falta-a-ser. É ainda melhor quando falamos de amor, mas não é de jeito nenhum necessário, porque há mulheres que se satisfazem muito bem se o parceiro as critica, contanto que lhes fale” (Miller, 1998, p. 112).

ção com a estrutura feminina (Fink, 1998, p. 144), favorece as construções amorosas, construindo laços que facultam os sujeitos suportarem o desamparo da falta que os constitui. É bom lembrar, no entanto, que a suplência do amor não apaga a verdade desta falta entre os amantes. Pelo amor os sujeitos triscam em algo que os atraem – podendo ser um “divino detalhe” ou uma “particularidade miúda” –; mas também, descobrem as diferenças que os impedem de se fazerem UM.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse texto, que registra o percurso de nossa leitura do Seminário “*Mais, Ainda*”, de Lacan (1972-1973/2008), não pretendemos ser conclusivas, mas, lançar questões que possam alimentar um diálogo e, quem sabe, um dia, avançar com esses conceitos para analisar as novas configurações de amor que se desenharam na contemporaneidade.

Vêm-se consolidando, nas últimas décadas, mutações sociais e culturais profundas, expondo, dentre outras questões, a problemática de gênero e da sexualidade. A exclusividade do modelo heteronormativo é posta

em questão, e, junto com este questionamento, advém a problematização de temas que, por algum tempo, pareciam adormecidos no tecido social, tais como: machismo, patriarcalismo, sexismo, racismo, homofobia e misoginia, dentre outros. Nesta comunicação, enfrentamos o desafio de pensar o amor como um paradoxo, seguindo as pegadas de Lacan, visando contribuir para pensar também essas questões na atualidade.

Por exemplo, no contexto da Modernidade Líquida abordado por Zygmunt Bauman (2004) instaura-se uma certa frouxidão nas relações sociais, com implicações profundas nos vínculos amorosos que são marcados pelo descompromisso, impermanência e transitoriedade. A lógica do descarte e do cancelamento é emblemática desse tempo de (in)comunicação, que faz das redes sociais e dos relacionamentos virtuais mais um espaço para o desencontro. A configuração de um amor descompromissado, fugaz e efêmero vem tomando o lugar do ideal de amor romântico da modernidade. A vida em solidão, que sempre existiu entre os humanos, parece ganhar volume nos tempos atuais, por razões que desconhecemos porque dizem respeito a cada sujeito. Em que medida essas configurações circunscritas ao amor na atualidade guardam alguma relação com o insustentável do amor abordado por Lacan?

A renúncia ao amor tem sido uma realidade crescente; mas, arriscamos afirmar que o amor romântico, embora insustentável, continua a

mobilizar corações e mentes. A teoria lacaniana nos ajuda a pensar onde se funda o engodo das relações amorosas e a frustração das expectativas imaginárias. Mas, a aposta continua a ser no amor possível que faz laço social. Por isso, encerramos o texto dando voz a quem ainda acredita no amor¹²:

“Sem amor estamos amputados de nossa melhor parte. A vida pode até ser mais tranquila e livre de dores quando não amamos. Mas, trata-se de uma paz de cinzas. Nada substitui a felicidade erótica; nada traz o alento do amor-paixão romântico correspondido. Diante dele tudo empalidece; sem ele, até o que engrandece perde a razão de ser.” (Costa, 1999, p. 11).

REFERÊNCIAS

- Almeida, Amélia (2004). Padecimentos do amor. In Eliane Forgue (Org.). *Amor, Desejo e Gozo*, pp. 223-231. Salvador: Campo Psicanalítico.
- Assis, Márcia (2014). Sobre o amor, o desejo e as parcerias. *Stylus Revista de Psicanálise*, 28, pp. 91-96.
- Disponível em <http://doi.org/10.31683/stylus.vi28.727>.
- Bauman, Zygmunt (2004). *O amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Costa, Jurandir Freire (1999). *Sem fraude, nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Ferreira, Olga Sá (2004). O outro no amor. In Eliane Forgue (Org.). *Amor, Desejo e Gozo*, pp. 269-285. Salvador: Campo Psicanalítico.
- Fink, Bruce (1998). *O sujeito lacaniano. Entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kuss, Ana Suy Sesarino (2015). *Amor, desejo e psicanálise*. Curitiba: Juruá,
- Lacan, Jacques (1991). *A ética da psicanálise*. Seminário 7. Rio de Janeiro:

12 _____
Diálogo que acontece no filme *Terra das Sombras*, entre dois amigos; um deles, não acredita no amor; o outro, que acaba de perder a mulher amada, tenta convencer o amigo sobre a centralidade do amor para manter o ser humano vivo.

Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959).

Lacan, Jacques (1992). *A transferência*. Seminário 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961).

Lacan, Jacques (2009). *De um discurso que não fosse semblante*. Seminário 18. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972).

Lacan, Jacques (2005). *A angústia*. Seminário 10. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).

Lacan, Jacques (2008). *Mais, ainda*. Seminário 20. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).

Miller, Jacques-Alain (1998). *O osso de uma análise*. Trabalho apresentado no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise, Salvador, Bahia.

Pamponet, Reinaldo (2022). O amor e o super-eu na contemporaneidade. Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise - Bahia - Ano 1. Disponível em https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/007/15/011_agente07_reinaldo_pamponet.pdf

Silva (2004). Algumas considerações sobre o aforismo lacaniano: “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”. In Eliane Forguel (Org.). *Amor, Desejo e Gozo*, pp. 241-267. Salvador: Campo Psicanalítico.

Teixeira, Marcus do Rio (2010). *Corpo de homem/corpo de mulher - Os corpos e a diferença sexual*. In *O inconsciente e o corpo do ser falante*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico.

Teixeira, Marcus do Rio (2014). *Vestígios do Gozo*. Associação Científica Campo Psicanalítico. Salvador: Ágalma.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2023
Publicado originalmente em novembro
de 2023 em www.gpal.com.br



